Ano XVIII — Lisboa, Fevereiro de 1962 — N.º 202

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Galardoado com a medalha «Lis de Prata» da As. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

UM ESCOTEIRO

Prémio Nobel da Paz

Emprestado por excelentes amigos, veio às minhas mãos, num destes dias luminosos de Outubro, a obra «Recordações e confidências do R. P. Dominique Pire — Prémio Nobel da Paz», publicada pelas Edições Europa - América.

Nascido em 10 de Fevereiro de 1910, em Dinant, Bélgica, o Padre Georges Charles Clément Ghislain Pire concedeu uma entrevista a Hugues Vehenne, na aldeia suíça de Gottlieben. No seu prefácio, afirma Vehenne:

«Recebeu o Prémio Nobel da Paz por três razões. Primeiro, porque este padre católico ajudou os desgraçados, levou-os nos seus braços, sem se voltar para ver se as almas se lhe entregavam. Em seguida, porque a sua obra é o acto espontâneo, heróico e desinteressado de um só. Agiu para lá das contingências raciais, políticas e nacionais, como tinha já afastado as barreiras religiosas. Silenciosamente, provou que restam problemas que a Burocracia não pode, ou não quer, resolver inteiramente. Enfim, porque o seu exemplo aproximou os homens. À sua voz, muitos de entre eles, vindos do mundo inteiro, deram o seu trabalho, o seu coração e o seu dinheiro para em comum mitigar misérias.

«Estranhamente, o sofrimento uniu aquilo que tinha separado.

«Esta foi a terceira razão que contribuiu para decidir a atribuição do Prémio Nobel da Paz ao Padre Pire».

É curioso acentuar que o Reverendo Padre Pire é nosso irmão no Escotismo. É Hugues Vehenne quem o afirma:

«Ouçamos o Padre Pire contar a sua vida escotista:

— Foi no Natal de 1940 que me meti a isso sèriamente! Li tudo sobre Baden-Powell! Mas sem me deixar subjugar muito: Com efeito, o «Homo Scouticus», tomando o pormenor como essencial e atravessando a vida cachimbo no bolso, não é o meu ideal. Há igualmente um outro obstáculo: o medo do ridículo! Lembro-me de um velho advogado-escotista constelado de insígnias. Tinha uns pequenos calções caqui e pêlos enormes...

«Não. Eu via no escotismo o contacto amigável, a cordialidade. E, para a frente, as alcateias de lobozinhos, os pequenos campos, os grandes campos! Prestei o meu compromisso escotista. Mas não era, contudo, diplomado. Intolerável! Então, em 1943, fui admitido num campo-escola. Tive de trepar, com 33 anos, ao lado de garotelhos de 17 e de 18. Traçar pistas, aprender o morse, atravessar regatos sobre tijolos. E os nós! Nunca percebi nada disso. Nunca soube mais do que desfazê-los. Pelo contrário, fui brilhante na cozinha, assim como em disciplina e limpeza. A minha cama de palha e o meu canto ornado de folhagem valeram-me cumprimentos. Os escotistas esqueceram-se, sem dúvida, de que há quinze anos eu praticava a arquitectura do enxergão de palha!

«Em conclusão, após um acampamento de nível tão medíocre

Pág. 2 ——→

SOLIDARIEDADE HUMANA

«O Século» na sua rubrica «Roteiro dos 3 Grandes» publicava em 21 de Janeiro o seguinte interessante comentário do Sr. Dr. Francisco Mata:

A BRUMA DE LONDRES

O Professor russo Lev Landau, glória da física nuclear, teve a vida salva por um atomista inglês, pelo Ministério da Saúde de sua majestade e pela «Internacional dos Sábios». Ao menos, desta vez, as fronteiras apagaram-se como traços a lápis, a Cortina de Ferro abriu-se e as alfândegas fecharam os olhos.

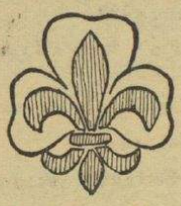
«Sir» John Cockcroft, antigo director do centro de investigação nuclear de Hartwell, recebeu, no seu laboratório de Cambridge, um telefonema urgente de Moscovo.

— Fala o prof. Kaptiza. O nosso amigo, o prof. Landau, acaba de ser vítima de um grave acidente. Suplico-lhe que nos envie Ureaphil, com a maior urgência, esse medicamento, que só os senhores fabricam em Inglaterra, é o único que pode salvar o nosso colega.

A resposta foi imediata, com helicóptero, avião a jacto e o «record» mundial de velocidade que é sempre o da solidariedade humana. O sábio russo sofrera um gravíssimo acidente de automóvel. Três fracturas de crânio. Os médicos russos sabiam da existência de um único medicamento capaz de salvá-lo, o Ureaphil. E tal aconteceu: o remédio chegou a Moscovo a tempo e permitiu, após três dias de aplicação, melhoras insensíveis. Salvou-se o prof. Landau.

A Imprensa de Moscovo apreciou, com certa surpresa, a boa vontade dos sábios ingleses e não lhes poupou elogios. Um jornal chegou a espantar-se e escreveu: «Os ingleses saltaram por cima de todas as barreiras, esqueceram a política, Berlim e o resto que nos se-

Pág. 2 ——→



ANTIGOS ESCOTEIROS

Ainda a 4.ª assembleia geral da I.F.O.F.S.A.G.

Já nos referimos em números anteriores à realização em fins de Outubro do ano pretérito, na cidade holandesa de Zeist, da 4.ª assembleia geral da «Internacional Fellowship of Former Scouts and Guides». Portugal mais uma vez se fez representar por intermédio de um membro da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

Nesta assembleia foram debatidos importantes assuntos, das quais faremos o possível por dar conhecimento aos nossos caros leitores em futuros números do nosso mensário.

Desta vez, daremos alguns passos do importante discurso pronunciado naquela assembleia pelo director do Departamento de Educação Juvenil do Ministério da Educação, Artes e Ciências dos Países-Baixos, o antigo escoteiro sr. A. P. van der Meij, que representava o Ministro da Educação, dr. Cals, ausente do país, em missão urgente de serviço. O sr. dr. Cals é também um antigo escoteiro.

Do discurso do sr. Meij destacamos o seguinte:

«O objectivo do movimento dos antigos escoteiros não é jogar o jogo do Escotismo como o fazem os jovens, mas sim introduzir e praticar na sociedade dos adultos os ideais escotistas. Gostaria por isso de chamar a atenção para dois fins do Escotismo, que me parecem de grande importância no Mundo de hoje.

«O primeiro é: Estar preparado para auxiliar onde quer que se torne necessário. Eu creio poder afirmar que tem diminuído a boa-vontade de assumir a responsabilidade e tomar parte activa na vida da comunidade, como membros directivos e actuantes das várias associações voluntárias, no trabalho das igrejas, nos conselhos dos país nas escolas, nos partidos políticos e noutras ocupações não remuneradas, pensando-se que outros farão esses trabalhos. Se esta atitude se generalizasse, isso significaria, sem dúvida, o fim da democracia. É, portanto, de grande importância que os antigos escoteiros e guias considerem o facto e se decidam a prestar os serviços que puderem em benefício da comunidade. Que prestem antes de mais nada auxílio ao Movimento activo compreende-se, mas estou certo de que recordando-se do belo *slogan* escoteiro «ver mais além», vejam a sociedade como um todo que deve ser ajudado.

«O segundo ideal escoteiro que eu gostaria de salientar é o que se refere ao bom entendimento universal.

«Algumas vezes parece que, não obstante as distâncias entre os continentes estarem desaparecendo devido aos modernos meios de deslocação, os povos dos diversos continentes se apartam cada vez mais. O Movimento escotista alguma cousa tem feito, e faz, no sentido de aproximar os povos, pois os jovens praticam a fraternidade sem distinção de raças ou de credos. É de desejar que os antigos escoteiros continuem a tomar parte activa na promoção de relações internacionais em ordem a conseguir-se o bom entendimento. Sem dúvida a UNESCO, a UNICEF, a ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE e outras organizações internacionais já estão dando resultados altamente satisfatórios da sua acção.

«O povo holandês tem manifestado uma tendência pela aproximação dos povos e seu bom entendimento, e por isso satisfaz-nos que o nosso país houvesse sido escolhido para nele se realizar esta tão interessante reunião. Em nome do governo holandês dou-lhes, portanto, as boas-vindas e espero firmemente que colham os melhores resultados dos vossos estudos e discussões, sobretudo da vossa acção»

A presença e as palavras do sr. Meij foram agradecidas pelo Coronel J. S. Wilson, que presidiu à sessão inaugural.

Noutras sessões resolveu-se admitir, como novos membros da I. F. O. F. S. A. G., a Austrália, o Ceilão e a Venezuela; eliminar a Costa Rica por falta de actividade, aprovar o relatório e as contas apresentados pelo Conselho e referentes ao biénio de 1959-60; aprovar a proposta apresentada pelo secretário-geral, Erik Sjoqvist, para a constituição de equipas de relações internacionais; aprovar a proposta da Grã-Bretanha, para que o Secretariado fosse transferido de Copenhague para Bruxelas, onde reside a presidente do Conselho; publicar, devidamente actualizado, o folheto de propaganda do movimento dos antigos escoteiros; autorizar a continuação da publicação do «Boletim da Amizade», em duas edições (francês e inglês) e a edição de um manual de que constem a história e as bases fundamentais do movimento dos antigos escoteiros, a organização da I.F.O.F.S.A.A.G. e indicações úteis e práticas referentes à criação e funcionamento das Fraternais e núcleos.

Para membros do Conselho, em substituição dos que saíram em 1961, em obediência às disposições estatutárias, foram eleitos o rev. padre Lambot (Bélgica), D. Sirkka Liisa Hintikka, da Finlândia; o Prof. dr. Carlo Ceschi, da Itália, e o sr. Jean Scelles, da França.

A próxima assembleia geral será em Itália, em 1963.

TERTÚLIA MENSAL

Como já se tornou tradição, os antigos escoteiros reúnem-se ao dia 23 de cada mês num jantar que se realiza na Rua de S. Paulo, 170. Em Janeiro passado, a reunião esteve muito animada e proporcionou momentos agradáveis de troca de impressões. É interessante que em cada reunião aparece sempre um antigo companheiro que pela primeira vez toma parte nestas actividades.

Recorda-nos ter visto neste jantar — e pedimos desculpa por qualquer omissão involuntária — os seguintes companheiros: Srs. Albano da Silva, esposa e filhos; Alfredo Jorge Gallis, esposa e filha; Álvaro Correia, António Augusto da S. e Cunha, Rev. Eduardo Moreira e esposa; Eduardo Quintino Pinheiro, Eduardo Ribeiro, Ernesto Clímaco do Nascimento e esposa; Humberto Martins, esposa e filha; João Henriques Pereira Soares, Joaquim M. Lobato, José Dionísio dos Santos, José Miranda de Melo e esposa; Júlio Almeida Nogueira e esposa; Luís Simões Aurélio, D. Maria Luísa C. Magalhães E. Pereira e seu neto; Pedro Pinheiro e Wolf Karl.

Estes jantares não têm inscrição prévia e o serviço à lista não é dispendioso.

SOLIDARIEDADE HUMANA

← Pág. 1

para e salvaram um dos nossos maiores cientistas. Não sabemos como agradecer-lhes».

Em Londres, comentou «sir» John Cockcroft: «Acho extraordinário que esse jornal julgasse que as divergências políticas alguma vez poderiam impedir-nos de acudir a quem quer que fosse. Para nós era um homem em perigo de vida e tanto nos fazia que fosse russo ou abexim, que fosse sábio mundialmente célebre ou um pobre mendigo».

Se este sentimento de solidariedade humana se desenvolvesse no Mundo, de forma que cada homem se reconhecesse responsável pela vida e felicidade do seu semelhante, fosse qual fosse a sua cor política ou de pele, nacionalidade ou religião, certamente que os problemas da humanidade estariam solucionados naturalmente. A vida humana é o grande valor que importa preservar através de todas as contingências.

• • o • •

Ninguém se deve envergonhar de ser ignorante, mas sim de continuar a sê-lo.

UM ESCOTEIRO — Prémio Nobel da Paz

← Pág. 1

que foi denominado por «Acampamento de pata tenra», tornei-me «Presa branca tenaz» e recebi as insígnias do meu grau de Gilwell: Duas achas de metal. Tinha preenchido as minhas lacunas escotistas. Podia levantar a cabeça! Em frente dos meus lobozinhos já não era o ministro à paisana que passa os militares em revista...»

Ignoro se, no decorrer dos tempos, mais algum escoteiro teria recebido o Prémio Nobel. Mas, entre os vários ramos consagrados por esse prémio, o da Paz parece-nos o mais adequado para ser obtido por um dos nossos. Irmão de todos os escoteiros, como o afirma um dos artigos da lei, o discípulo de Baden-Powell é activo construtor da Paz e da Harmonia entre todos os homens, não lhe interessando saber qual a religião, a nacionalidade ou a raça. O que, em regra, separa os homens, o escotismo aproxima-os. E, ao dar a notícia de que um sacerdote, um escoteiro, foi agraciado com o Prémio Nobel da Paz, todos nós, os que são e foram escoteiros, nos sentimos de parabéns...

MANUEL FERREIRA

O nosso inquérito

Calção ou Calça?

A «Flor de Lis», órgão do C.N.E., publicou no número de Janeiro um artigo tão bem elaborado sobre a questão do calção e das calças, que nos parece interessante para encerrar o inquérito feito nas nossas colunas. Pedimos vénia para o transcrever.

Calças compridas

Afigura-se algo paradoxal que numa época em que se generaliza o uso do calção, não só em desportos como na vida diária, de modo especial no Verão é certo, e no campo e na praia, e ainda encontre entusiastas no sexo «frágil», o debate «calça *contra* calção» se mantenha e, o que é mais, pareça ganhar terreno.

É geralmente conhecido que os Escutas Americanos usam, em geral, calça ou soluções aproximadas, há já bastantes anos. A ideia do calção nunca foi recebida com apoio decidido nos Estados Unidos, pois nos lembramos de uma história contada pelo falecido dirigente Senhor Franklin de Oliveira, há já muitos anos e que por sua vez se reporta à longínqua era de 1924, a propósito do Jamboree de Copenhague. Contava Franklin de Oliveira que ao dar entrada naquela Reunião Mundial de Escutas o contingente americano teria sido recebido com ligeiro sorriso de ironia que os alvejados atribuíram ao facto de se apresentarem de calça. Muito desportivamente os escutas americanos receberam, dos seus próprios dirigentes, instruções para cortarem as calças acima do joelho, pelo que no dia seguinte se apresentaram de calções, preparados para, durante o Jamboree, ganharem o mais elevado total de pontos relativos a concursos e jogos que estavam incluídos no programa.

Agora, já não será novidade certamente, são os nossos irmãos ingleses, desde 1 de Novembro de 1961, que tornaram oficial — embora facultativo — o uso de calça para dirigentes (masculinos, é claro), Caminheiros e Exploradores-Seniores.

Ao fazerem-no rodearam porém a medida de larga cautela para que a tradicional boa apresentação dos Escutas em público não seja prejudicada. E a primeira cautela foi a adopção de um figurino e de um tecido único (embora em duas cores), que por si dê já bastantes garantias de se não enrugar, criar joelheiras, etc. Resultado — o preço da calça oficial que (em obediência a vários artigos da Lei e nomeadamente ao 2.º) todos não deixarão de adquirir nas condições prescritas resulta necessàriamente elevado: — £2. 10 xelins (cerca de 200$00). Isto representa um agravamento de preço do uniforme de *mais* de 100%, circunstância que será de ponderar pelos mais entusiastas e especialmente nos meios de economias mais limitadas.

Além disto ficou estabelecido que, sendo facultativa a adopção da calça, os elementos de uma unidade (Seniores ou Caminheiros) em qualquer ocasião se apresentarão *todos* vestidos *de igual* modo. Quer dizer a calça ficaria ao alcance dos meios de bolsa abonada, mas seria tabu para os menos afortunados, o que constituiria uma fonte de discriminação.

Tem, como se vê, muito que ponderar a análise e a solução deste problema (?). Sem pròpriamente tomarmos partido contra ou a favòr, diremos ainda mais alguma coisa.

É sabido que o Fundador adoptou o calção, não por uma questão de originalidade ou gosto esquisito, mas muito ponderadamente por ser o mais prático para a vida ao ar livre, que é o autêntico meio do jogo que é o Escotismo para Rapazes. Que se diria de uma subida a um monte ou de uma corrida de estafetas, ou um passo de escuta feito «em calças» mesmo durante o tempo frio. Também se pode argumentar com o frio do Inverno, mas com umas boas meias e um calção de tecido de lã (apesar de tudo menos dispendioso que uma calça de tecido de qualidade apropriada) e «actividade» não haverá perigo de pneumonias.

O nosso país, embora tenha muitos cambiantes, o seu clima (lembremo-nos do Algarve e da Serra da Estrela), beneficia de um clima muito mais benigno que os países a que nos referimos e por outro lado de um tempo invernoso muito menos longo.

Terminaremos com mais uma consideração: — O à vontade do uso do calção, ou do uniforme mesmo, depende essencialmente da frequência com que o vestimos. Aqueles que só de mês a mês (e diremos mesmo de meses a meses) vestem o uniforme, por falta de hábito estranharão ao sair para a rua em calção ou mesmo fardados. O problema é um pouco agudo para os adultos, mas para o rapaz que entrou para o Movimento como Lobito ou jovem Explorador — não existe — é uma questão de hábito.

Por outro lado, não nos custa reconhecer que o uso da calça, além de largas oportunidades a um mais frequente uso do uniforme com todos as vantagens que daí podem resultar (se a apresentação for satisfatória) abriria as portas do nosso Movimento a espíritos menos desassombrados. Seria isto uma vantagem?

Em conclusão, como Mr. de La Palice, diremos que qualquer das soluções tem as suas vantagens e os seus inconvenientes. Importa, no melhor interesse do Movimento ponderar o valor de uns e doutros.

OLHO D'ÁGUIA

* * *

E concluiremos o nosso inquérito afirmando que a maioria dos leitores que se apresentaram a depor optaram pelo calção. Mas a todos que nos escreveram, fosse qual fosse a sua opinião, agradecemos reconhecidos.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

FILATELIA

NOVAS EMISSÕES

Em Janeiro passado estava prevista uma nova emissão escoteira dos correios do Haiti (2.ª série), não tendo ainda confirmação de que tenha sido publicada.

Estão previstas para este ano as seguintes emissões comemorativas do 50.º aniversário da fundação do Escotismo nos respectivos países: Líbano, Islândia, Zona do Canal (guias) Ceilão, Estados Unidos (guias) e talvez a Suíça.

EMISSÃO PORTUGUESA

Os C. T. T. estão preparando a emissão dos selos escoteiros nacionais que é aguardada com grande interesse não só em Portugal como no estrangeiro. No entanto, ainda não está marcada a data da emissão, que não será feita antes de Maio.

UMA CARTA DE UM LEITOR

Um nosso leitor—Sr. António Lino Pereira — escreve-nos apoiando as palavras do nosso colaborador E. C. José Manuel Pereira acerca da necessidade da separação da filatelia escoteira da temática desportiva pois, diz, as duas especialidades não têm afinidades que justifiquem o seu agrupamento. O nosso leitor afirma a sua dedicação ao desporto, que pratica, mas reconhece que o Escotismo não pode ser considerado um desporto, pois tem objectivos mais vastos e acção diferente.

Enquanto esta separação não é feita—diz ele — seria interessante que os preçários da temática desportiva assinalassem os selos escoteiros. Aqui deixamos a sugestão, que nos parece útil a comerciantes e filatelistas.



PÁGINA DO ESCOTEIRO

Meu caro Escoteiro:

Com todo o prazer respondo à tua pergunta. Claro, acho interessantíssima a ideia. A tua patrulha, constituída por rapazes evangélicos, pode e deve corresponder-se com essa outra patrulha de escoteiros católicos. Não me disseste se ela era da nossa Associação se do C. N. E. e fizeste bem, porque a resposta seria sempre a mesma.

Felicito-te por essa tão interessante iniciativa, que deves levar avante com todo o entusiasmo. O Escotismo não separa os seus membros por religiões, mas serve antes de traço de união entre eles. Afirmando cada um as suas convicções, deve procurar conhecer e compreender os seus companheiros, porque só dessa atitude poderá nascer a tolerância e a amizade.

Prossegue, pois, com a tua correspondência inter-patrulhas e que dela brote amizade e companheirismo por largos anos.

Teu dedicado amigo

«Sempre Pronto»

LOBO VELHO

Bolas de sabão

Qual é o Lobito que não gosta de fazer bolas de sabão? Julgo que não há nenhum. É tão engraçado ver as bolas subir na atmosfera! Que lindas cores elas apresentam.

Mas é pena, rebentam tão depressa...

Pois é exactamente para evitar esse inconveniente que nós vamos arranjar uma bela ideia. Bolas de sabão que durem duas, três ou mesmo uma dúzia de horas!

Mais ainda: Estas bolas de sabão, que te vamos ensinar a fazer, podem ser batidas levemente com as mãos, como se fossem bolas de celulóide, desde que tenhas o cuidado de antecipadamente humedecer um pouco as mãos.

Mas vamos aprender a fazer os balões, que vocês estão certamente ansiosos:

Dissolves um pedaço de sabão do tamanho de uma noz, mais ou menos, num copo de água muito quente. A esta solução juntas uma colher de chá bem cheia de goma arábica líquida e a mesma porção de glicerina. Misturas tudo muito bem.

Fazes os balões enquanto a mistura está quente, na forma do costume, com um tubo ou uma palhinha, ou ainda com uma bobina (carrinho) de linhas.

Quando o balão está do tamanho que se deseja, sacode-se o tubo ou a palhinha para que se solte. Está pronto para a brincadeira!

Podes atirar a tua bola com cuidado. Não lhe batas com as unhas e não a deixes tocar em qualquer objecto de bico para que não rebente. Mas se rebentar fazes outro.

Uma ideia: Um concurso na Alcateia! Ver quem consegue fazer bolas de sabão que consigam durar mais tempo.

Quando não se quiser brincar mais, deixa-se pousar o balão num pano, num papel ou em qualquer superfície lisa, onde ele se deixará colar.

O soluto que fizeste com o sabão, a cola e a glicerina não se estraga. Podes guardá-lo num frasco bem rolhado. Para que possas voltar a usá-lo basta destapar o frasco e metê-lo dentro de uma vasilha com água bem quente ou aquecê-lo no chamado *banho Maria* (se não souberes como é pergunta à tua Mãezinha que ela te ensinará), logo que esteja bem quente, o conteúdo ficará dissolvido e está pronto para ser novamente usado.

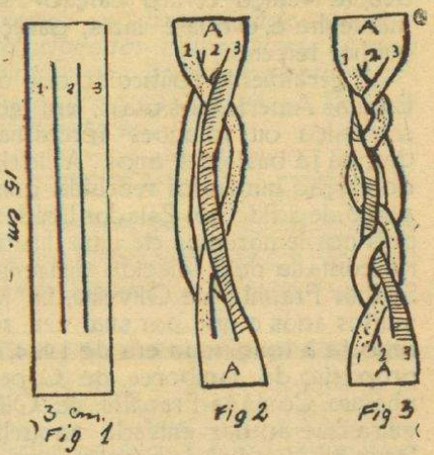
Vamos às bolas de sabão!

Fabrica a tua própria anilha de lenço

O que vais aprender é muito interessante e útil para ti. Desejo ensinar-te a fazer a tua ANILHA DE LENÇO. Lembrei-me desta instrução porque recentemente ao visitar um grupo verifiquei que um certo número de escoteiros se encontrava uniformizado sem anilha de lenço e isso causava mau aspecto. Outras vezes usam argolas e outros objectos, que oferecem um mau conjunto. Pareceu-me por isso que seria interessante e económico se soubesses fazer a tua anilha.

Necessitas para isso de uma tira de carneira ou outro cabedal que não seja muito rijo, de 15 cm. de comprimento e 3 cm. de largura. Como vês o material custa uns magros tostões.

Cortas esta tira com dois golpes verticais como se vê na figura 1. Repara que as incisões feitas não atingem as extremidades.

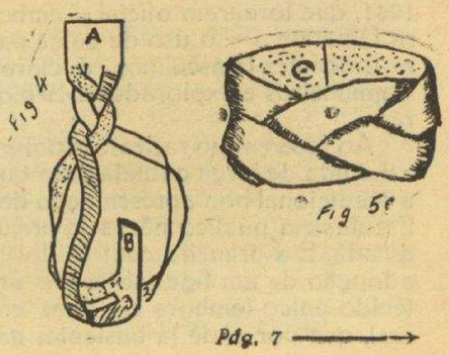


Agora muita atenção à execução. Numeram-se as partes cortadas em 1, 2 e 3. Vamos começar a trança. Mete-se a tira 1 por entre a 2 e a 3 (fig. 2).

Depois a parte 1 passa por cima da 3 e por debaixo da 2. A parte 2 mete-se entre a 3 e a 1 (fig. 2). Seguidamente a 3 passa entre a 1 e a 2 (fig. 3).

A letra *A* representa a flor da carneira e a letra *B* a parte contrária.

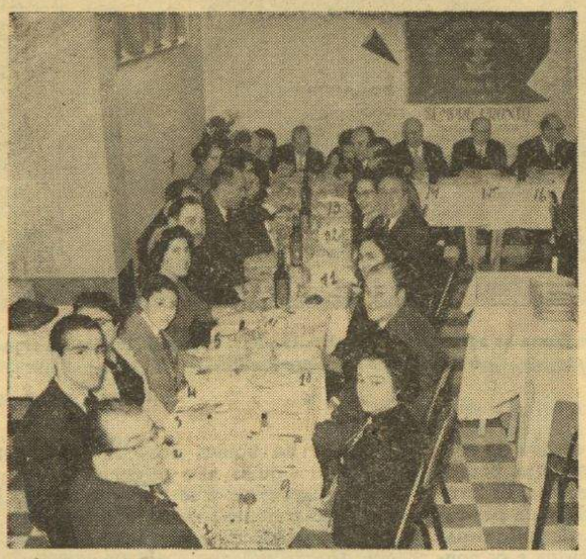
Ao concluíres a trança marcada na figura 3 tens de a destorcer de maneira que o lado *B* vai passar entre a 1 e a 3 (fig. 4).



Pág. 7 ——→

XVII ANIVERSÁRIO DE «SEMPRE PORNTO»

Almoço de Confraternização Homenagem ao antigo Escoteiro - Chefe Sr. Ernesto de Sousa



Convivas presentes ao almoço de confraternização: 1, Joel Ribeiro; 2, Armando Garcia Inácio; 3, D. Júlia Ribeiro; 4, Rui Horácio Macedo; 5, D. Manuela Macedo; 6, Capitolino Ferreira Macedo; 7, Eduardo Quintino Pinheiro; 8, Dr. Eduardo Morgado. Do outro lado: 9, D. Mariana Saragoça Ribeiro; 10 e 11, Rui Cunha e Esposa; 12, Dr. Leopoldo de Figueiredo; 13, Senhora de Miranda de Melo; 14, Rev. Eduardo Moreira; 15, Ernesto de Sousa (a presidir); 16, Eduardo Ribeiro.



À cabeceira da mesa, de costas: Humberto Martins. À esquerda: João Clímaco do Nascimento, Sigvald Wiborg, Alfredo J. Gallis, Albano da Silva e Esposa. À direita: Luís Alves Miguel, Wolfgang Karl, Walter J. Westwood, Eugénio Ribeiro Nunes, Iobito Jorge Silva, Dr.ª Aida Ferreira Gomes Correia e Daniel Ribeiro Correia.

Fotos: Coelho da Silva

No Domingo, dia 14 de Janeiro passado, no moderno Café-Restaurante «Granada», no Largo do Conde Barão, em Lisboa, realizou-se o almoço de confraternização para comemorar o 17.º aniversário da fundação do «Sempre Pronto». Como recentemente chegara a Lisboa, de regresso dos Estados Unidos, o Sr. Ernesto de Sousa, que foi dedicado e muito competente Escoteiro-Chefe do 1.º Grupo dos Escoteiros de Portugal, decidiu o Corpo Directivo do nosso jornal associar às comemorações uma oportuna homenagem a Ernesto de Sousa, que, apesar de ter estado ausente do país durante 40 anos, manteve sempre um constante interesse pelo Escotismo na sua Pátria e uma amizade dedicada a «Sempre Pronto».

A ideia teve um acolhimento feliz e o almoço, de 41 talheres, foi uma agradável tarde de confraternização. Presidiu o Sr. Ernesto de Sousa, ladeado pelos Srs. Rev. Eduardo Moreira e Eduardo Ribeiro, director do «S. P.» e sentaram-se em volta da mesa os companheiros e amigos Srs. Rui da Silva Paulo e Esposa, Amílcar Fernandes e sua Mãe, Luís Simões Aurélio e Esposa, José Dionísio dos Santos, José Miranda de Melo e Esposa, Eduardo Quintinho Pinheiro, Ernesto Clímaco do Nascimento, Capitolino Ferreira Macedo, Esposa e Filho, Júlia Gomes Pena Ribeiro, José Eduardo Pena Ribeiro e Esposa, Joel Ribeiro, Dr. Eduardo Morgado Dr. Leopoldo de Figueiredo, Rui Cunha e Esposa, E. C. Armando Garcia Inácio, Daniel R. Correia e Esposa, Albano da Silva, Esposa e Filho, J. Clímaco do Nascimento, Eugénio R. Nunes, Wolfgang Karl, John W. Westwood, Sigvald Wiborg, Alfredo Jorge Gallis, Humberto Martins e Luís Alves Miguel.

Foi lido um telegrama do Sr. Dr. Eugénio Henrique Ramos, presidente da Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, que em termos de fino humor saudava «S. P.» e se associava à homenagem a Ernesto de Sousa. Também foram recebidos telegramas de saudação, associando-se à homenagem, dos Srs. Oliveira Correia e Virgílio Clímaco do Nascimento.

Aos brindes, o nosso Director agrade-

Pág. 6 ——→



O Sr. Luís Simões Aurélio no uso da palavra



O Rev. Eduardo Moreira saúda «Sempre Pronto»



O Sr. Alfredo Gallis no momento em que saudava o seu antigo Chefe.

Fotos: Rui Cunha

Almoço de Confraternização

← Pág. 5



De frente: Dr. Eduardo Morgado, Mariano Garcia e Esposa; D. Jesuína Aurélio; Luís Simões Aurélio, D. Esperança Fernandes, Rui da Silva Paulo e Esposa. De costas: Dr. Leopoldo de Figueiredo, Sr.ª de Miranda de Melo e seu Esposo; Ernesto Clímaco do Nascimento, Amílcar Fernandes e José Dionísio dos Santos.

Foto: Coelho da Silva



O Sr. Ernesto de Sousa ao agradecer. À sua direita o Rev. Eduardo Moreira e à esquerda o director do «Sempre Pronto».

Foto: Rui Cunha

ceu a presença de todos os amigos, referiu-se ao significado da comemoração e disse quanto era grato ao «S.P.» associar a esta efeméride a homenagem de boas-vindas ao dedicado Amigo e bom companheiro Sr. Ernesto de Sousa, que de facto não tinha estado ausente, porquanto, através de um interesse permanente pelo Escotismo em Portugal e por correspondência com tantos companheiros, estivera sempre presente.

O Sr. Xavier de Brito, um dos primeiros escoteiros do Grupo 2, manifestou o seu apreço e saudou o «S. P.» em seu nome e em nome do Grupo 79. O Sr. Luís Simões Aurélio evocou o início da publicação de «S. P.» lendo passagens do primeiro fundo — Hora de Esforço — acerca do qual teceu criteriosas considerações, afirmou que este jornal tinha servido para estabelecer as melhores relações com tantos companheiros escoteiros, alargando por seu intermédio o número dos seus bons amigos. Terminou depois de pôr em relevo o papel que este jornal tem exercido em apoio e serviço do Movimento.

O Primeiro «Sempre Pronto»

O Sr. Sigvald Wiborg disse que para os «Antigos» do «Um» era motivo de satisfação e existência de «S. P.» porque ele recordava e mantinha o título do jornal que existira em 1921 e 22 no seu grupo, que começou por ser copiografado e escrito e desenhado à pena, com a colaboração de Albano da Silva, Sobral Martins, Eduardo Moreira, Júlio Trindade, dele próprio e artisticamente desenhado por Humberto Martins, jornal que chegou a publicar alguns números impressos. Se no âmbito de um grupo não foi possível manter essa iniciativa — disse — o actual «S. P.» é por assim dizer a continuação com êxito desse empreendimento. Saudou ainda o Sr. Ernesto de Sousa.

O Sr. Alfredo Gallis, escoteiro dos primeiros anos do Um, recordou episódios da vida daquele grupo, saudando com emoção o seu antigo Chefe, para o qual teve palavras de amizade, tendo felicitado o «S. P.».

Heróis da Revolução de 5 de Dezembro de 1917

Ernesto de Sousa, comovido pelas homenagens prestadas, e a propósito das palavras acabadas de pronunciar, lembrou a participação dos escoteiros do «Um» nos socorros aos feridos da revolução de 5 de Dezembro de 1917, os quais na Rua Filipe Nery, num gesto de coragem fizeram interromper o fogo entre os dois partidos em luta a fim de socorrer feridos que agonizavam no leito da rua sem que os serviços de saúde pudessem levantá-los. Foram os escoteiros, que recolhidos na escada do prédio n.º 26, puseram uma bandeira branca na ponta de uma vara e forçaram os ferozes contendores a suspender a luta pasmados pela coragem de meia dúzia de rapazinhos que levantaram os feridos e os conduziram em improvisadas macas aos postos de socorro, correndo depois a tranquilizar suas famílias. João Clímaco do Nascimento, Albano da Silva, David Baudouin, Gouveia e outros foram os heróis destes feitos.

É necessário um esforço de tolerância

O Rev. Eduardo Moreira expressou o seu apreço pelo entusiasmo e sensato labor de «S. P.», cujo esforço admirava, teceu considerações acerca do espírito de equipa, palavra que tinha entrado já na nossa retórica, mas nem sempre no nosso espírito.

Glosou o título do primeiro *fundo* do nosso jornal anteriormente citado, fazendo oportunas considerações acerca da hora de esforço em que vivemos, dizendo que precisávamos efectivamente de fazer um esforço mas deveria ser de tolerância e compreensão. A sociedade hoje não estava dividida em esta e aquela política ou esta e aquela religião, mas entre tolerantes e intolerantes. Precisávamos efectivamente de fazer um esforço, de tolerância para vencer a hora difícil de Portugal. Referiu-se aos acontecimentos da Índia Portuguesa, dizendo que eles eram dolorosos para todos os Portugueses e que os sentíamos na nossa carne.

Saudou depois o companheiro Ernesto de Sousa, seu velho amigo, com quem colaborara no Grupo 1, cujo entusiasmo e acção elogio, lembrando o trabalho importante realizado na chefia do seu grupo.

A doutrina de «Sempre Pronto» tem inspirado a vida escoteira de muitos jovens — disse Mariano Garcia — um jovem dirigente escoteiro

Mariano Garcia disse falar em nome dos novos, dos actuais escoteiros, e afirmou que estes deviam muito à acção orientadora de «S. P.», cuja doutrina tem inspirado a vida escoteira de muitos que se encontram hoje nas fileiras na direcção de grupos ou noutros serviços e terminou por fazer votos de que o jornal possa continuar por largos anos a sua importante missão, que tão oportuna e importante disse ser.

Por último, falou o Sr. Ernesto de Sousa. Sensibilizado, agradeceu as homenagens que lhe tinham sido prestadas e novamente recordou passagens da vida do primeiro grupo e os nomes dos seus Escoteiros, muitos dos quais não se encontravam presentes. Expressou o seu apreço por «S.P.», que regularmente recebia nos Estados Unidos, afirmando depois o seu amor a Portugal. Apesar de isolado dos Portugueses, que evitam as grandes cidades americanas onde ele viveu, procurou sempre rodear-se de recordações da nossa Terra e ler tudo que podia na nossa língua. Na nossa opinião é isso que justifica o perfeito domínio do português apesar de uma ausência tão prolongada. Referindo-se às horas amargas que os Portugueses agora vivem, afirmou a sua fé no futuro de Portugal, pois encontrara aqui virtudes de que outros povos carecem, apesar de muitas vezes gozarem de maior progresso. Disse que nos Estados Unidos procurara sempre falar de Portugal e ouvira palavras de respeito pelo nosso país. Especialmente os americanos que visitavam Portugal iam daqui impressionados pela bondade e hospitalidade do nosso povo. Terminou afirmando que venceríamos a actual crise e viriam ainda horas de esperança e de Paz.

Os discursos foram animados por *gritos* dirigidos pelo companheiro Ernesto Clímaco do Nascimento e a reunião foi encerrada com a canção «É Lá!».

Foi uma tarde agradável de boa confraternização, que perdurará na memória de todos os que estiveram presentes. Houve emoção, saudade e, ao mesmo tempo, visão do futuro através dos votos e projectos de novas actividades e novas prosperidades ao «Sempre Pronto», a quem foi oferecido um exemplar do n.º 200 do jornal com o autógrafo de todos os presentes, como testemunho de apreço pela obra realizada até agora.

●

Felicitações ao «SEMPRE PRONTO»

O nosso Director recebeu do E. C. Luís Tovar de Lemos a seguinte carta:

... Amigo:

Não podendo estar presente ao Vosso almoço comemorativo de mais um aniverrário do Jornal «Sempre Pronto», do qual, com o maior agrado, sou assinante desde o 1.º número, venho felicitá-lo, assim como a todos que nele colaboram, abraçando-os, ainda, pela ideia de reunir bons irmãos que festejaram uma vitória, sempre norteada pela persistência, dedicação e profundos conhecimentos do nosso Movimento e finalidade para que foi criado.

Com fraternais saudações, disponham sempre do companheiro dedicado e s. p.

L. G. TOVAR DE LEMOS

Pág. 7 →

22 DE FEVEREIRO DE 1962

Aniversário do nascimento de B.-P. — mensagem do Director da Repartição Mundial de Escotismo

Neste dia do aniversário do nascimento de B.-P., recordamos a dádiva preciosa com que ele nos presenteou, a nós e ao Mundo. Ao mesmo tempo interroguemo-nos sobre o que estamos nós dando em troca ao Escotismo. Mais pròpriamente, que tem cada um de nós oferecido ao Escotismo?

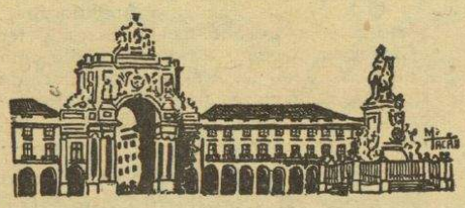
Que temos nós dito ou feito de real e permanente valor?

Poderá cada um de nós responder na afirmativa? Teremos nós, como indivíduos, meramente passado pelo Movimento durante vários períodos de tempo? Alguns terão dado mais ao Escotismo em 3 anos do que outros em 30 anos.

Em que medida terão os nossos caracteres e personalidades sido limados pelo Movimento? Qual terá sido realmente a nossa contribuição para o Escotismo?

B.-P. gostaria de ouvir as nossas respostas.

D. C. SPRY



ESCOTISMO NA CAPITAL

REGIÃO CENTRO

Em 18 de Janeiro passado, tomou posse do cargo de Escoteiro-Chefe-Regional, o sr. Eduardo do Quintino Pinheiro, antigo escoteiro e vice-presidente da Direcção da Fraternal, que termina agora o seu mandato.

A posse foi-lhe dada nos Serviços Centrais pelo E.C.G. sr. Comodoro Daniel Duarte Silva e na presença dos seus adjuntos Chefes Luís Grau Tovar de Lemos e Albano da Silva, membros da Direcção, e do Director dos Cursos de Treino e Formação de Chefes, Eng.º Nobre Santos.

No acto de posse usaram da palavra o Escoteiro-Chefe-Geral, o seu adjunto Sr. Tovar de Lemos, que era Chefe do Grupo 2 quando o empossado foi escoteiro naquele grupo; o Eng.º Nobre Santos, anterior chefe regional; e o novo Chefe regional.

Depois da posse, trocaram-se impressões sobre assuntos de interesse para o Movimento.

● Na sede regional tomaram posse do cargo de Escoteiro-Chefe-Regional adjunto o sr. Mariano Garcia Inácio, membro do Grupo 94; e os membros dos Serviços Regionais de Informação e Cultura, srs. Alfredo Jorge Gallis e Eugénio Ribeiro Nunes.

17.º ANIVERSÁRIO

← Pág. 6

Agradecemos as palavras gentis do nosso prezado Amigo e Escoteiro-Chefe, um dos que nos acompanham e ajudam desde o primeiro número.

Tiveram a gentileza de se referir ao aniversário do nosso jornal e ao almoço de confraternização realizado os seguintes diários, a cujas Redacções endereçamos os nossos agradecimentos:

Comércio do Porto, Diário Ilustrado, Diário de Lisboa, Diário da Manhã, Diário de Notícias, Diário Popular, Primeiro de Janeiro, O Século e A Voz.

Também o semanário *Ecos de Belém* se dignou fazer referência ao nosso aniversário, o que igualmente agradecemos.

Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

De Luto — Pelo falecimento de sua tia, a sr.ª D. Isaura Sargedas Guerreiro, em 13 de Janeiro passado, encontra-se de luto a sr.ª D. Virgínia Sargedas Quintino Pinheiro e seu marido, o nosso companheiro director da Fraternal, sr. Eduardo Quintino Pinheiro, aos quais endereçamos os nossos sentidos pêsames.

* No mesmo dia, faleceu o jovem estudante José Adriano de Noronha Galvão Teles, filho do nosso assinante e antigo escoteiro, Sr. Dr. José Maria Galvão Teles, ilustre bastonário da Ordem dos Advogados, e de sua esposa sr.ª D. Sílvia Maria de Noronha Galvão Teles. Aos angustiados pais apresentamos as nossas condolências muito sentidas.

* Em 27 de Janeiro, com a avançada idade de 86 anos, faleceu o sr. António Joaquim Jerónimo, pai da sr.ª D. Jesuína Jerónimo Aurélio, esposa do nosso estimado colaborador sr. Luís Simões Aurélio. A estes nossos dedicados amigos manifestamos o nosso muito pesar.

Casamento — Em 7 de Janeiro passado, efectuou-se o enlace matrimonial da Sr.ª D. Maria Fernanda dos Santos Lopes com o nosso estimado amigo e assinante Sr. Vítor Mateus, antigo escoteiro do Grupo n.º 94.

«Sempre Pronto» formula sinceros desejos de muitas felicidades aos noivos.

• • o • •

DE SINTRA

Grupo n.º 93

Em continuação da notícia que publicámos no último número, devemos acrescentar que na reunião realizada na sede do Grupo 93 em Sintra, na véspera do Natal, foi também justamente galardoado com a Medalha de Agradecimento, cobre, o Sr. Veloso de Lima, vice-presidente da Direcção daquele agrupamento, dirigente que há já muitos anos dedicadamente acompanha as actividades daquela unidade.

O E. C. Miguel Bicho leu a Ordem de Serviço, na qual se referia aos acontecimentos da Índia, sendo guardados dois minutos de silêncio em homenagem aos que caíram em defesa daquele território.

Prestaram copromisso de honra seis novos escoteiros, que foram saudados por todos os assistentes.

De manhã, os escoteiros visitaram a cadeia da comarca, o hospital e diversos pobrezinhos onde deixaram lembranças.

À sessão assistiram os antigos escoteiros eng.º Hermann Silvano, Pedro Pinheiro, António Cunha, Abel Vieira da Ponte, Luís Cândido de Oliveira e outras pessoas de família dos escoteiros.



PROBLEMA DIFÍCIL N.º 2/62

DOIS PROBLEMAS

1.º Qual é o número de dois algarismos que multiplicado por si mesmo dá um número exactamente tão superior a 435 quanto o inicial lhe era inferior?

2.º Perguntaram a um proprietário quantos prédios possuía na cidade do Porto, ao que ele respondeu da seguinte forma:

— Se dividir o número por 2, por 3, por 4, por 5 ou por 6, tenho sempre 1 de resto. Quantos prédios eram?

■

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1/62

Se o primeiro homem fosse preto teria mentido e respondido «sou branco». Se fosse branco teria asseverado isso mesmo. De qualquer forma as palavras que o vento levou foram: «Sou branco». Assim, o segundo homem é branco, porque disse a verdade sobre o que dissera o primeiro. Uma vez que os dois primeiros homens são ambos brancos, é claro que o terceiro é preto.

• • o • •

ESCOTISMO PORTUGUÊS

Novo Comissário Internacional

Em conformidade com o estabelecido no acordo firmado em 1960 entre a A.E.P. e o C.N.E., ocupará este ano o cargo de Comissário Internacional de Portugal o nosso amigo e companheiro sr. Manuel Lopes Peixoto, tendo como adjunto o sr. Vítor Manuel de Lima e Santos, secretário das relações internacionais do C.N.E.

Não sabemos ainda se este exercício será de um ou dois anos, visto o C.N.E. ter ocupado o lugar durante dois anos, embora o tivesse feito a pedido do sr. Manuel Lopes Peixoto.

* ● *

Fabrica a tua própria anilha de lenço

← Pág. 4

E pronto. Um pouco mais de jeito para acomodar a trança e tudo fica bom. Qualquer dificuldade que surja será solucionada pela observação atenta das gravuras.

Para fechar a anilha basta pregar as duas extremidades com um botão rápido (fig. 5). Se não tiveres com que aplicar o botão, qualquer sapateiro ou loja de sola o aplica por uma insignificância.

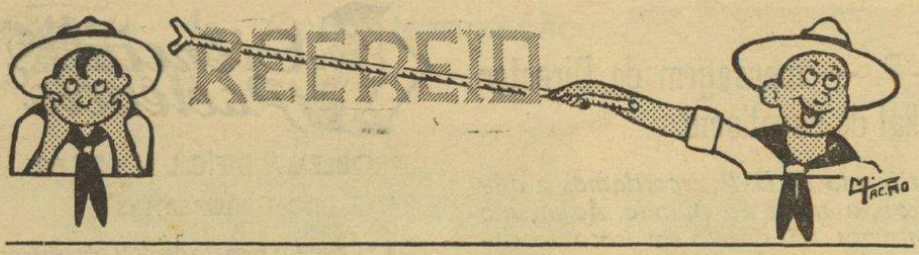
PENA RIBEIRO

• • o • •

Manuel Lopes Peixoto

O sr. Comissário das Relações Internacionais do Escotismo Português teve a gentileza, que muito nos sensibilizou, de nos enviar o seu cartão expressando o seu agradecimento pelas referências feitas a propósito da medalha que lhe foi conferida pelo Presidente dos Escoteiros de Portugal. Nesse cartão acrescenta: *Humildemente oferece os seus fracos préstimos a bem do movimento e de um maior estreitamento na amizade entre todos os irmãos escoteiros.*

Registamos com prazer as palavras do Sr. Manuel Lopes Peixoto, cujas intenções revelam a sua boa formação escoteira.



SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR

PALAVRA QUADRADA

DIANA
ÍMPAR
APODO
NADAM
AROMA

ENIGMA

JULHO

O ditongo e o mendigo

Há um ditongo que, se for precedido dum C é o que o mendigo traz; dum *CH* é onde o mendigo se senta; dum *P* é o que o mendigo pede; dum *M* é o que ele estende; e dum *N* é o que ele receia. Qual é esse ditongo?

E. M.

Enigma

A minha primeira letra está em julgamento; a segunda em homem; a terceira em atenção; a quarta em escola.

O meu todo é o nome de um apóstolo.

Falar com números

Se um fulano entra num restaurante, ... e ..... a comer ..... pagar é preso.

Complete esta frase com algarismos de forma a dar sentido.

É bom saber...

Ouro

Já deves ter ouvido falar em ouro de certo número de quilates. Naturalmente ignoras o que isso significa. Pois aqui tens a explicação:

O ouro puro é mole como o chumbo, mole demais para ser usado no fabrico de moedas e jóias. A sua dureza e resistência aumentam pela liga de cobre ou prata. A quantidade de ouro verdadeiro numa dessas ligas exprime-se em *quilates*, que quer dizer *partes em 24*. Assim quando se diz ouro de 22 quilates (como nas libras) isso significa que, em cada 24 partes de liga, 22 são de ouro e 2 de metal vil. Em ouro de 12 quilates, só metade é ouro.

Adágio escondido

Formar um adágio de seis palavras com as letras das seguintes:

Domingo, mim, obelo, oh, rei.

Quebra cabeças

A R
A B A R
A B A N A R
A B A L I S A R
A B L U I R
A C E R
A R

Problema policial n.º 7

O Inspector prendeu o António Brás, sócio-gerente, porque mentiu dizendo ter apagado o incêndio de electricidade com dois copos de água. A água é condutora de electricidade e ele estaria sujeito a electrocussão, visto que a corrente não faltou logo.

Esta página aceita a colaboração de todos os Escoteiros: Anedotas, enigmas, palavras cruzadas, etc. etc. Tudo é bem recebido.

Quem tem ideias?

PALAVRA QUADRADA

	1	2	3	4	
1					Cor
2					Diligência
3					Osso
4					Elogios

Anedotas

Num grupo de Escoteiros, o Escoteiro-Chefe passava revista às Patrulhas. Tudo limpo e tudo em ordem. Nisto pergunta a um escoteiro:

— Ora diz-me, meu rapaz, qual foi a tua Boa Acção de hoje?

— Salvei um periquito de morrer — respondeu prontamente o Escoteiro.

— Bravo! Conta lá como foi isso? — inquiriu o Chefe.

— Matei o gato que o queria comer! — exclamou vitorioso o Escoteiro.

MILHAFRE

■

A caminho do acampamento, o Chefe reparou que um dos escoteiros ia com a mochila sem fazer qualquer esforço e perguntou-lhe:

— Levas a mochila vazia?

—Vai cheia, Chefe.

—Cheia! De quê?

—De pó!

RUI HORÁCIO MACEDO

Quanto menos se pensa mais se fala

PROBLEMA POLICIAL N.º 8

Furto na Orquestra

O caso era bastante estranho. Depois de um concerto na sede da Associação dos Cegos desaparecera da Casa dos instrumentos um belíssimo acordeão de alto valor.

Na véspera, como de costume, os instrumentos foram arrumados nas respectivas prateleiras. Na manhã seguinte, quando os artistas cegos se apresentaram para o ensaio, o Maestro — único visual — verificara que o acordeão já não se encontrava no seu lugar.

O Inspector Z, chamado urgentemente, iniciara logo as investigações, ouvindo todos os que poderiam contribuir para o esclarecimento do caso. O porteiro, também cego, foi o primeiro:

— Ora diga-me, sr. Lemos, quem foram as últimas pessoas que a noite passada saíram desta casa?

— Depois do público, saíram os músicos?

— Tem a certeza de que saíram todos?

— Sim, tenho. Sempre me cumprimentam ao saírem.

— E depois?

— Depois saiu a D. Laura, arrumadora.

— E mais?

— Depois foi o nosso maestro.

— Que horas eram quando ele saiu? — interrogou o Inspector.

— Tinha dado a meia-noite há momentos.

— Não saiu mais ninguém?

— Uns dez minutos mais tarde saiu o Cruz, o electricista.

— Também cumprimentou o Sr. Cruz?

— Não. Estava no meu quarto a preparar a cama. Mas ouvi perfeitamente as suas sonoras passadas.

— E depois?

— Logo que ouvi sair o Sr. Cruz, tranquei a porta e nada mais ouvi.

O nosso Inspector procurou o Maestro:

— Diga-me, Sr. Lima Castro, tem a certeza de que o acordeão ficou no seu lugar?

— Sem dúvida, Inspector. Sou eu, com o auxílio da D. Laura, quem arruma o instrumental. Ficou naquela segunda prateleira. E aqui nesta casa só entro eu e a arrumadora.

— Mas o Senhor não chega à prateleira — retorquiu o Inspector.

— Tenho aqui este pequeno escadote — explicou o Maestro.

O Inspector reparou num protector de biqueira de sapato, que se encontrava no escadote, que logo apanhou, preguntando:

— É seu?

— Não, não é meu.

O Inspector voltou-se para a arrumadora:

— Minha senhora: Tem a certeza de ter passado ao Sr. Lima Castro o acordeão roubado.

— Absoluta, Senhor Inspector.

— Tem a certeza de que não ficou nenhuma pessoa estranha na sede depois do espectáculo?

— Sou eu quem passa revista às salas e não vi ninguém.

— A senhora saiu sózinha?

—Sim. meu marido esperava-me na rua.

Foi a seguir ouvido o electricista.

— Foi o senhor o último a sair?

—Sou sempre. Tenho de desligar o quadro.

— Não notou nada de anormal?

— Absolutamente nada.

— Que calçado usava?

— Sapatos de borracha, sola de Ceilão — retorquiu o electricista apontando para os sapatos.

Terminado o interrogatório, o Inspector recolheu-se na casa dos instrumentos e ouviu a gravação completa das inquirições. Veio depois cá fora e deu voz de prisão a um dos inquiridos.

Quem foi?

A utilizar sòmente no Continente e Ilhas Adjacentes

RSF

Não carece de selo. O porte será pago pelo destinatário.

Bilhete Postal — Resposta

Autorizado pelos C. T. T.

Redacção do

«SEMPRE PRONTO»

TRAV. VITORINO DE FREITAS, 9

LISBOA 3

SEMPRE PRONTO é o mensário que há perto de 20 anos serve o Escotismo em Portugal com uma tenacidade e elevação que tem merecido louvores de todos aqueles que se devotam à causa do Escotismo.

Para que este facho permaneça bem aceso é indispensável a cooperação de todos os Escoteiros, Antigos Escoteiros e outros Amigos. E a melhor forma de colaborar é conseguir novos leitores.

Assinaturas:

Quota anual 18$00

» semestral 9$00

Uma campanha de «SEMPRE PRONTO»

MAIS UM ASSINANTE

Só mais um assinante ! Eis uma campanha simples e de êxito garantido se o estimado amigo quiser. Só pedimos uma assinatura, mas essa assinatura é a sua.

— Já é assinante ?

— Mande-nos a assinatura de seu afilhado, do seu amigo, do seu vizinho ou do seu colega. Mas não deixe de nos enviar uma só assinatura. Depende da sua cooperação o êxito desta Campanha.

NOME .....

MORADA .....

EM ..... . ASSINATURA anual / semestral

COBRANÇA EM .....

Assinatura

DATA :

.....